

# A QUEDA DO HOMEM (GÊNESIS 3)

O segundo ato do drama da humanidade é trágico. Ele começa com a chegada de um novo ator, a serpente, e retrata a queda do homem despencando de um estado de inocência e de um relacionamento perfeito com Deus.

## A TENTAÇÃO E A QUEDA (3:1–7)

**<sup>1</sup>Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? <sup>2</sup>Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, <sup>3</sup>mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. <sup>4</sup>Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. <sup>5</sup>Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal. <sup>6</sup>Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. <sup>7</sup>Abriam-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si.**

**Versículo 1.** A serpente entrou no jardim em que Deus colocara Adão e Eva. Certamente o texto fala aqui de uma serpente real porque o autor a identificou como uma das criaturas que **Deus tinha feito**. Ele também usou o termo hebraico comum para “serpente” (שָׁחָה, *nachash*), que aparece cinco vezes em Gênesis 3 e trinta e uma vezes no Antigo Testamento. *Nachash* é a palavra usada para o cajado de Moisés que se transformava em serpente quando lançado ao chão (Êxodo 4:3; 7:15) e

descreve as “serpentes abrasadoras” que o Senhor mandou sobre os israelitas rebeldes no deserto. Também é o termo que Deus usou quando mandou Moisés fazer uma serpente de bronze e colocá-la num poste; assim, os que haviam sido picados podiam olhar para ela e serem curados (Números 21:6, 7, 9)<sup>1</sup>.

Isto significa que a serpente não era um deus mitológico nem uma criatura semidivina, conforme descrevem algumas literaturas do Oriente Próximo antigo, como *O Épico de Gilgamesh*<sup>2</sup>. Embora essa lenda seja às vezes considerada a fonte que deu origem à história bíblica, nada realmente indica que o autor de Gênesis tenha se valido dessa epopeia mesopotâmica.

Posteriormente, intérpretes judeus entenderam que a serpente de Gênesis foi um instrumento que o diabo usou para tentar o primeiro homem e a primeira mulher. O autor do apócrifo Sabedoria de Salomão disse que “Deus criou o ser humano para a incorruptibilidade... Por inveja do diabo e que a morte entrou no mundo e a experimentarão os que a ele pertencem”<sup>3</sup>.

Segundo escritores do Novo Testamento, Satanás falou por meio da serpente, enganando os pais da humanidade no jardim do Éden. João registrou as seguintes palavras de Jesus: “Vós sois do diabo, que é vosso pai... Ele foi homicida desde o princí-

<sup>1</sup>Robert L. Alden, “שָׁחָה” em *DITAT*, p. 112.

<sup>2</sup>Nessa história, Gilgamesh, um rei semidivino, fez uma viagem ao fundo do mar à procura de uma planta que pudesse comer em sua velhice para tornar-se jovem novamente. A caminho de casa e em posse da planta, ele decidiu refrescar-se num tanque profundo. Enquanto desfrutava da água, uma serpente farejou o perfume da planta, agarrou-a e comeu-a. Por conta disso, a criatura trocou de pele e rejuvenesceu. (*O Épico de Gilgamesh* 11.263–296; tradução livre.)

<sup>3</sup>Sabedoria de Salomão 2:23, 24.

pio... Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira” (João 8:44). Preocupado com a possibilidade de os falsos mestres enganarem os cristãos de Corinto, Paulo escreveu estas palavras: “Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo” (2 Coríntios 11:3). O apóstolo afirmou que “Satanás se transforma em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça” (2 Coríntios 11:14, 15). Paulo acreditava que Satanás poderia disfarçar-se com o intuito de enganar pessoas. Foi evidentemente isso que ele fez no princípio, usando a serpente como seu instrumento para tentar o primeiro casal no paraíso terreno (veja Apocalipse 12:9, 15; 20:2).

O súbito aparecimento da serpente na narrativa bíblica poderia surpreender o leitor, se ele já não conhecesse a história. Todavia, o susto não seria tão grande quanto foi para a mulher que de nada suspeitava. De repente, ela se viu numa conversa com uma serpente que era **mais sagaz que todos os animais selváticos** criados por Deus. Pode-se entender o termo hebraico aqui empregado (עָרוּם, *‘arum*) como uma virtude positiva quando traduzido por “prudente” ou “sensato” (Provérbios 12:16, 23; 13:16; 14:8, 15, 18; 22:3; 27:12). Todavia, há uma conotação negativa quando o termo é vertido para “sagaz” ou “malicioso” (Jó 5:12; 15:5; veja Êxodo 21:14; Josué 9:4; Salmos 83:3). Seu uso mais significativo, evidentemente, é a referência à serpente em Gênesis 3:1. Em 3:1–5, vemos um contraste entre a percepção maliciosa da serpente e a inocência quase pueril de Adão e Eva em 2:25<sup>4</sup>.

Por que a serpente falou com a mulher, e não com o homem, é obscuro no relato. Alguns já disseram que as mulheres são naturalmente mais vulneráveis que os homens. Paulo explicou que “Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão” (1 Timóteo 2:14). Por outro lado, Paulo nada disse sobre a natureza de Eva, como se ela fosse mais ingênua que Adão. Ele simplesmente afirmou que, ao contrário de Adão, que pecou com os olhos bem abertos, ela foi enganada<sup>5</sup>. Ela ainda não havia sido criada quando

<sup>4</sup>Ronald B. Allen, “עָרוּם” em *DITAT*, p. 1173.

<sup>5</sup>Paulo atribuiu a culpa final pelo primeiro pecado a Adão, em Romanos 5:12–19.

Deus disse a Adão que ele morreria se comesse da “árvore do conhecimento do bem e do mal” (2:17). Isto pode significar que o único conhecimento que Eva tinha sobre a árvore proibida era o que ela recebera em segunda mão de Adão. Talvez a serpente soubesse disso, pois ela formulou sua pergunta insinuando haver um mal-entendido sobre a proibição e o caráter de Deus.

A tentação começou com uma pergunta aparentemente inocente: **É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?** Inicialmente, a serpente exagerou a ordem de Deus, alegando que Ele não permitiu que eles comessem de nenhuma árvore do jardim. Essa, obviamente, era uma interpretação grosseira, pois Deus, generosamente, deu-lhes acesso a todas as árvores, exceto uma; só ela foi proibida a eles. Ao formular a pergunta dessa maneira, a tática da serpente foi lançar dúvida na mente de Eva quanto ao caráter de Deus.

**Versículos 2 e 3.** A resposta da **mulher** foi uma tentativa de corrigir a serpente recordando o que Deus disse; porém, ao fazer isso, ela mesma exagerou. Primeiro, Eva explicou corretamente que Deus permitiu-lhes comer livremente **do fruto das árvores do jardim**, mas depois ela exagerou a proibição referente ao **fruto da árvore que está no meio do jardim**. Em vez de apenas dizer que eles estavam proibidos de **comer** do fruto, ela acrescentou que não podiam nem **tocar nele**, ou o resultado seria morte<sup>6</sup>. A afirmação de Eva parece implicar que ela julgou Deus severo e arbitrário ao colocar essa árvore no jardim e depois proibir a ela e a Adão de desfrutá-la.

**Versículos 4 e 5.** A essa altura, a **serpente** viu uma oportunidade para impugnar o caráter de Deus acusando-O de mentir. Disse o animal a Eva: **É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal.** Em outras palavras, a serpente declarou que Deus não é bom nem bondoso, que Ele não desejava de coração o melhor para Adão e Eva. A serpente retratou Deus como sendo egoísta, ciumento e enganador. Ela alegou que o verdadeiro motivo da proibição de Deus era impedir que as pessoas que Ele criou fossem tudo que poderiam

<sup>6</sup>É possível que a ordem original de Deus incluísse uma proibição contra tocar na árvore, mas o autor intencionalmente optou por não revelar esse detalhe até 3:3. Todavia, é mais natural interpretar a resposta de Eva como um exagero da ordem divina.

ser: “como Deus” e “conhecedoras do bem e do mal”. A serpente insinuou à **mulher** que Deus queria impedi-la de um destino legítimo: ser como Deus, imortal (nunca morrer) e conhecedora (do bem e do mal).

Devemos lembrar que Adão e Eva viviam numa espécie de paraíso na terra, em que tudo fora providenciado para o bem-estar deles. Deus havia declarado que Sua criação não era apenas “boa”, mas “muito boa”. Todavia, Adão e Eva sucumbiram à ideia de que Deus estaria privando-os de um bem maior. Talvez tenham pensado que seria pouca coisa desobedecer ao Criador para alcançar imortalidade e conhecimento como Deus. Num nível mais profundo, a ideia de se tornarem como Deus tangeu a corda do orgulho em seus corações e mostrou-se irresistível.

**Versículo 6.** Apesar de Deus ter proibido que comessem da árvore do conhecimento do bem e do mal, as provas visuais com que a mulher se depa-rou exerceram um apelo poderoso. Primeiro, **ven- do a mulher que a árvore era boa para se comer** e querendo provar algo novo e delicioso, despertou-se ali seu apetite físico. Conforme já explicado no capítulo 1, o vocábulo “boa” (טוב, *tob*) foi aplicado a toda a criação (1:4, 10, 12, 18, 25, 31); cada coisa criada estava apta a ser e fazer o que Deus propôs a ela. *Tob* também pode significar algo belo, ou pode ter uma conotação moral; aqui, porém, a mulher usurpou o lugar de Deus ao determinar que algo era “bom” para se comer, quando o próprio Deus o proibiu. Nem tudo que é fisicamente belo (*tob*) é moralmente bom (*tob*), especialmente se seduzir à desobediência. É isso que o Novo Testamento chama de “a concupiscência [‘desejo’] da carne” (1 João 2:16), o que torna a atração física por objetos ou pessoas proibidas tão difícil de resistir.

Em segundo lugar, a mulher foi atraída para a árvore porque ela era esteticamente sedutora ou **agradável aos olhos**. Finalmente, Eva admitiu que a **árvore era desejável para dar entendimento**. É significativo, a essa altura, que as palavras “agradável” (תאוה, *tha’awah*) e “desejável” (חמד, *chamad*) são cognatas de termos traduzidos por “cobiçar” nos Dez Mandamentos. Os verbos relacionados aparecem na lista de Deuteronômio 5:21, mas só o segundo termo ocorre em Êxodo 20:17<sup>7</sup>. Esta história ilustra o perigo de o povo de Deus agir com base em aparência e no que parece desejável, e

isso corresponde à “concupiscência dos olhos e à soberba da vida” em 1 João 2:16. A mulher não estava só atraída pelo belo fruto que ela pensava que teria prazer em comer, mas o maior apelo parecia estar no fato dela ganhar “entendimento” (שָׂכַל, *sakal*). Ela imaginou que obteria grande sabedoria, entendimento e conhecimento, os quais a libertariam para decidir o rumo de sua própria vida e destino. Evidentemente, ela acreditou na mentira da serpente, segundo a qual esse tipo de entendimento a capacitaria a gloriar-se de suas próprias realizações e sua posição, mais precisamente, de ser “como Deus” (3:5). Quando a mulher rejeitou as instruções de Deus e seguiu suas emoções orgulhosas, fazendo da realização pessoal seu principal objetivo, sobreveio grande tragédia – e não vida.

Eva **tomou-lhe** [da árvore] **do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu**. O texto não diz que o homem foi tentado pelas palavras inteligentes e cheias de racionalização. Ele observou a mulher comer do fruto e viu que ela não morreu, então fez o mesmo. Adão deu ouvido à esposa, e não a Deus, e conformou-se com os desejos dela. Eva foi enganada e pecou, mas o pecado de Adão foi desobediência proposital à ordem de Deus. Ambos reconheceram seus erros tarde demais. Em vez de se tornarem livres, Adão e Eva seriam forçados a uma vida de trabalho árduo e sofrimento que terminaria em morte.

**Versículo 7.** Os resultados do pecado apareceram numa rápida sucessão. **Abriram-se, então, os olhos de ambos**. Não foi sabedoria ou entendimento divino que eles obtiveram. Ao contrário disso, o que antes eles julgaram certo, agora parecia errado: **percebendo que estavam nus**. Trocaram a antiga inocência pelo conhecimento constrangedor de que estavam nus, por isso tentaram cobrir a nudez com **folhas de figueira** transformadas por eles em **cintas** ou “aventais” (ERC).

De quem tentavam se esconder: um do outro ou de Deus? Talvez as duas respostas sejam corretas. Parece que o primeiro homem e a primeira mulher passaram a ser como crianças que, chegando à puberdade, de repente, acreditam que a nudez e a diferença entre suas sexualidades é algo que os constrange de uma forma inédita. Além disso, o fato de perceberem sua nudez depois de desobedecerem a Deus sugere que eles tiveram um senso de culpa, mesmo antes de Deus confrontá-los. Eles experimentaram uma espécie de separação, já não se sentindo à vontade na presença do Criador.

<sup>7</sup>Robert L. Alden, “תאוה” em *DITAT*, p. 27.

## O ENCONTRO DE DEUS COM O CASAL CAÍDO (3:8–13)

<sup>8</sup>Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim. <sup>9</sup>E chamou o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás? <sup>10</sup>Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi. <sup>11</sup>Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses? <sup>12</sup>Então, disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi. <sup>13</sup>Disse o Senhor Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi.

**Versículo 8.** O escritor bíblico empregou uma linguagem antropomórfica nesta passagem: ele descreveu Deus como o dono de uma grande propriedade cheia de árvores decidindo dar um passeio por Suas terras na **viração do dia**. O hebraico diz literalmente “no vento [רוּחַ, *ruach*] do dia”, que significa “a hora da brisa do dia” ou “na hora da brisa vespertina”.

O homem e a mulher **ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim**. O termo traduzido na ERA por “voz” (קוֹל, *qol*)<sup>8</sup> parece referir-se mais precisamente ao som de folhas farfalhando na brisa vespertina, uma vez que o texto não fornece nenhuma indicação de que Deus já tivesse falado com o casal depois de pecarem.

Quando a Bíblia fala de indivíduos “andarem” com Deus está empregando uma expressão figurada que significa que pessoas como Enoque, Noé, Abrão e Isaque estiveram em comunhão com o Senhor e viveram em harmonia com a Sua vontade (5:22, 24; 6:9; 17:1; 24:40; 48:15). O bondoso Criador veio “andar” (ter comunhão) com o homem e a mulher no jardim; todavia, por causa da desobediência, eles se **esconderam** de Deus entre as folhagens das **árvores**.

**Versículo 9.** Deus começou a fazer uma série de perguntas ao casal – não que estivesse buscando informações, mas para ajudá-los a chegar a um verdadeiro autoconhecimento do que fizeram e

de qual era a condição espiritual deles aos olhos de Deus. **E chamou o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás?** Essa, naturalmente, foi uma pergunta retórica, pois o Senhor sabia precisamente onde Adão estava<sup>9</sup>. Quando Deus confrontou o homem e a mulher no jardim, Ele, sendo um Pai amoroso, foi sincero com eles e tentou obter deles a confissão de seus pecados porque Ele sabia que essa era a única maneira de viabilizar a reconciliação.

**Versículo 10.** A resposta do homem a Deus foi, na verdade, uma evasão. Ele disse que tinha ouvido a voz [“som”] **de Deus no jardim**. Isso o fez ter medo e, estando nu, se **escondeu**. O homem não ousou mentir, por isso contou uma meia-verdade para evitar admitir seu pecado. Na realidade, ele tentou mudar o assunto da conversa. Antes de pecar, o homem nunca sentiu medo ao ouvir a voz de Deus, nem era autoconsciente de sua nudez. Depois que o pecado entrou no jardim, tudo mudou gerando trágicas consequências.

**Versículo 11.** O Senhor não aceitaria da parte do homem uma meia-verdade ou fuga do problema. Ele pressionou Adão com mais duas perguntas retóricas: **Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?** Essas perguntas não são típicas de um acusador que, na ausência de fatos, faz um interrogatório na tentativa de levar o réu incriminado a se defender. Pelo contrário, essas perguntas são como as de um pai sábio, plenamente ciente do que o filho fez, que o inquire, a fim de encorajá-lo a fazer uma confissão sincera. Juntas, essas duas perguntas revelaram à consciência divina que a vergonha e o constrangimento de Adão decorriam de sua desobediência intencional.

**Versículo 12.** A desavença entre o **homem** e a mulher foi ainda mais acentuada do que a vergonha que cada um passou a sentir na presença do outro, ou de Deus, pois Adão tentou culpar Eva de sua própria transgressão: **A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi**. O homem finalmente confessou seu pecado, mas ele apontou para a mulher como aquela que o fez

---

<sup>9</sup>Foi o mesmo tipo de pergunta que Deus fez a Caim, posteriormente, quando disse: “Onde está Abel, teu irmão?” (4:9). O Senhor sabia do assassinato do irmão mais novo cometido pelo irmão mais velho e de sua tentativa de encobrir o crime escondendo o corpo sob a terra. Por isso, quando Caim negou saber onde estava Abel, Deus lhe disse: “A voz do sangue de teu irmão clama da terra a Mim” (4:10).

---

<sup>8</sup>Ludwig Koehler e Walter Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, ed. estudo, trad. e ed. M. E. J. Richardson. Boston: Brill, 2001, vol. 2, p. 1083.

pecar. Essencialmente, Adão estava dizendo: “Foi tudo culpa dela. [Afinal,] eu só comi o que *ela* me deu!”<sup>10</sup> Esta tentativa patética de transferir a responsabilidade para a mulher não exonerou Adão de seu pecado. Todavia, ele não parou por aí. A seguir, ele acusou Deus de ser a parte culpada porque Ele lhe deu a mulher. A lamentável ironia é que a intenção de Deus ao dar a mulher ao homem era que ela fosse para ele “uma auxiliadora”. Em vez de perceber em sua companheira uma auxiliadora, o homem a via agora como uma pedra de tropeço, a causa de seus problemas.

**Versículo 13.** O Senhor dirigiu-se à mulher com uma pergunta enfática: **Que é isso que fizeste?** A maneira em que a pergunta é formulada – “Que é *isso*...?” – pode remeter à reação do homem quando viu a mulher pela primeira vez, em 2:23. Naquela ocasião, quase gaguejando de alegria, ele usou o pronome “esta” três vezes. Aqui, porém, o que estava implícito em “isso” não era o que Deus idealizou na criação da mulher; nem o que o homem contemplou como uma auxiliadora.

A mulher, assim como o marido, tentou exonerar-se recusando assumir a responsabilidade por seus atos. Disse ela: **A serpente me enganou, e eu comi.** Tanto o homem como a mulher admitem sua desobediência, afirmando: “eu comi”, porém nenhum deles assumiu a culpa. Tal qual Adão antes dela, Eva não demonstrou remorso algum nem arrependimento, mas tentou justificar a transgressão. Eva transferiu a responsabilidade à serpente. Quando ela alegou que a serpente a “enganou”, ela estava essencialmente dizendo que a serpente “apresentou uma proposta atraente” e ela cedeu<sup>11</sup>.

Em contraste com a alegria e a empolgação do fim do capítulo 2, o texto se encharca de tristeza e medo do castigo iminente. É evidente que a paz inicialmente existente entre Deus e os seres humanos, entre o homem e a mulher e entre o homem e os animais foi destruída. O leitor é preparado, assim, para os castigos que sobreviriam à culpa por desobedecerem à palavra do Criador.

---

<sup>10</sup>Kenneth A. Mathews, *Genesis 1—11:26*, The New American Commentary, vol. 1A. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1996, p. 241.

<sup>11</sup>Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis: Chapters 1—17*, The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990, p. 194.

## AS CONSEQUÊNCIAS DA QUEDA (3:14–19)

Os castigos específicos distribuídos por Deus são descritos na ordem contrária em que os pecados e os pecadores (ou a fonte do pecado) são citados. O texto identifica o pecado do primeiro homem (3:9–11), depois o pecado da mulher (3:12) e finalmente o pecado da serpente (3:13). Os julgamentos foram anunciados primeiramente para a serpente (3:14, 15), depois para a mulher (3:16) e por último para o homem (3:17–19).

### A Maldição sobre a Serpente (3:14, 15)

<sup>14</sup>Então, o Senhor Deus disse à serpente: **Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida.** <sup>15</sup>Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.

**Versículo 14.** O Senhor Deus não fez nenhuma pergunta à **serpente** na tentativa de despertar nela um senso de culpa, como fez com o homem e a mulher. A razão disso parece ser que por traz dessa sagaz criatura havia um espírito decaído (“a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás”; Apocalipse 12:9), a quem o Senhor sabia que não havia possibilidade de salvar. Diante disso, Deus não fez nenhuma tentativa de levar a serpente ao arrependimento<sup>12</sup>. O Criador também se recusou a conceder à serpente a dignidade de explicar a sua participação no pecado da mulher. Em vez disso, Deus a amaldiçoou, proferindo contra ela uma dificuldade maior do que a de **todos os animais domésticos e... selváticos**, ou “animais do campo” (ARCF). Disse Ele: **Rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida.**

Implicaria esta afirmação que, antes da maldição, as serpentes não eram répteis? O leitor não deve ver este relato como um mito etiológico que explica como as serpentes perderam as pernas. Este tipo de interpretação se baseia em certos textos judaicos que surgiram após a conclusão do Antigo Testamento, como o Targum da Palestina, que diz:

---

<sup>12</sup>H. C. Leupold, *Exposition of Genesis*, vol. 1. S.p.: Wartburg Press, 1942; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1953, p. 160.

“Sobre teu ventre irás, e teus pés serão cortados”<sup>13</sup>. A passagem bíblica pode significar simplesmente que, diferente de algumas cobras, como a mambana negra do continente africano, que consegue se deslocar com velocidade mantendo a parte dianteira do corpo ereta, esta cobra em particular teria de rastejar sobre o ventre – o meio comum de locomoção para a maioria das serpentes.

O rastejar pode ser simbólico. Assim como Gênesis 9:13 pode não implicar que o arco-íris era um fenômeno novo, mas que ele passara a ter um “novo sentido”<sup>14</sup>, o rastejar da serpente poderia estar ganhando um novo sentido. Depois que essa maldição foi pronunciada, rastejar sobre o ventre e comer pó tornaram-se metáforas de derrota e humilhação pessoal. Por exemplo, Salmos 72:9 diz: “Curvem-se diante dele os habitantes do deserto, e os seus inimigos lambam o pó” (veja Isaías 49:23; 65:25; Miqueias 7:17). É claro que as cobras não comem nem vivem literalmente no pó; mas esse é um lembrete simbólico das consequências do pecado. Quando nos confrontamos com tentações sutis e ilusórias, precisamos nos lembrar da humilhação que geralmente sucede o pecado, como aconteceu com as mentiras da serpente.

**Versículo 15.** A maldição que Deus pronunciou sobre a serpente deveria se perpetuar como **inimizade entre [ela] e a mulher, entre a descendência [da serpente] e o descendente [da mulher]**. O termo hebraico traduzido por “descendente” é זֶרַע (*zera'*), um substantivo coletivo singular que geralmente refere “posteridade”; mas que às vezes denota “uma pessoa que representa todo o grupo”<sup>15</sup>. A primeira parte da maldição, então, poderia referir a hostilidade existente entre a descendência da mulher (humanidade) e a descendência da serpente (o mundo das serpentes), hostilidade esta que leva os homens a destruírem as cabeças das serpentes antes de serem picados no calcanhar. O que acontecesse com a cabeça da serpente também aconteceria com o calcanhar do descendente da mulher. O texto diz: **Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar**. O verbo hebraico “ferir” é usado aqui duas vezes, implicando, porém,

que cada receptor sofreria um golpe diferente: ele seria fatal para a serpente e esmagaria sua cabeça; mas seria apenas doloroso para o descendente da mulher, pois ele sofreria apenas um ferimento no calcanhar<sup>16</sup>.

Originalmente, o relato bíblico sugere que havia harmonia entre a humanidade e os animais, sendo que o primeiro homem tinha domínio sobre eles e deu-lhes os nomes (2:19, 20). Todavia, por causa do papel que a serpente desempenhou como um representante dos animais na tentação original e como um instrumento de Satanás para enganar a mulher, esta relação pacífica foi rompida. O reino animal caiu, juntamente com a humanidade. A inimizade entre eles duraria para sempre (Romanos 8:20–22).

Muitos estudiosos não acreditam que a afirmação relativa ao descendente (ou “semente”; ERC) da mulher ferir a cabeça da serpente seja uma mensagem de esperança de salvação ou de promessa messiânica<sup>17</sup>. Todavia, a frase parece conter um significado mais profundo que a duradoura hostilidade entre serpentes e seres humanos. A serpente era mais do que uma cobra falante (3:1). Ela certamente representa Satanás, que falou por meio da criatura, a fim de provocar a tentação e a queda do homem. Isto não é claro na narrativa de Gênesis. Somente com o passar do tempo seria revelado que o verdadeiro adversário por trás da serpente era “Satanás, o sedutor de todo o mundo” (Apocalipse 12:9; veja João 8:44).

Este também parece ser o caso da referência ao descendente da mulher, aqui não denominado. No contexto imediato, o descendente ou a semente – pelo menos segundo o que Eva entendeu da promessa – parece ser identificado por ela como Sete, depois que Caim matou Abel. No nascimento de seu terceiro filho, ela disse: “Deus me concedeu outro descendente em lugar de Abel, que Caim matou” (4:25). Mesmo não sabendo tudo que estava incluso no conceito de esmagar a cabeça da serpente, ela pensou que, de alguma maneira, a promessa de Deus se cumpriria através de um de seus descendentes (semente).

Apesar de toda a descrição do pecado e da rebeldia do homem em Gênesis 1–11, a promessa de Deus a respeito do descendente ou semente

<sup>13</sup>“Targum of Palestine” em *The Targums*, trad. J. W. Etheridge. Nova York: KTAV Publishing House, 1968, p. 166. Além disso, Josefo afirmou que Deus “privou [a serpente] de usar os pés” (Flávio Josefo *Antiguidades* 1.1.4).

<sup>14</sup>Derek Kidner, *Gênesis: introdução e comentário*, Série Cultura Bíblica, trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova & Mundo Cristão, 1979, p. 66.

<sup>15</sup>Walter C. Kaiser, “זֶרַע” em *DITAT*, p. 409.

<sup>16</sup>Hamilton, *The Book of Genesis: Chapters 1–17*, p. 197.

<sup>17</sup>H. D. Preuss, “זֶרַע” em *Theological Dictionary of the Old Testament*, trad. David E. Green, ed. G. Johannes Botterweck e Helmer Ringgren. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1980, vol. 4, p. 150.

é o tema geral do livro. E apesar do pecado e da rebeldia do homem, Deus, por Sua graça, prometeu – primeiramente num sentido geral através da mulher, depois mais especificamente através de Abraão, Isaque, Jacó e Judá – que Ele tinha bênçãos abundantes reservadas para eles e seus descendentes. No decorrer do tempo, os próprios judeus viram o cumprimento final de Gênesis 3:15 na vinda do Messias<sup>18</sup>.

Devemos entender a frase de Deus à serpente como o *protoevangelium* (“a primeira menção das boas novas [evangelho]”)? A resposta é tanto “sim” como “não”. No contexto original, a mulher é Eva, e não Maria, e seu “descendente” refere-se à posteridade dela; não é uma profecia diferenciada sobre o nascimento virginal de Jesus<sup>19</sup>. E com respeito ao sentido mais completo desta passagem, William Sanford LaSor comentou:

Eu realmente vejo a totalidade de significado em algum até então não identificado membro da raça humana que destruiria a serpente satânica, desempenhando assim um papel chave no plano divino de redenção. Neste sentido, a passagem de fato é a primeira enunciação das boas novas.<sup>20</sup>

O cumprimento da profecia chegaria ao seu clímax em e através de Jesus Cristo (veja Gálatas 3:8–29; Efésios 1:3–14). Paulo até ecoou Gênesis 3:15 quando encerrou sua carta aos cristãos romanos dizendo: “E o Deus da paz, em breve, esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás” (Romanos 16:20).

### A Sentença à Mulher (3:16)

**<sup>16</sup>E à mulher disse:**

**Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez;  
em meio de dores darás à luz filhos;  
o teu desejo será para o teu marido,  
e ele te governará.**

<sup>18</sup>Parafrazeando este versículo, o Targum de Jerusalém diz: “Todavia, haverá um remédio para os filhos da mulher, mas para ti, serpente, não haverá remédio: haverá, porém, um remédio para o calcanhar destes nos dias do rei Meshiha [Messias]”. O Targum da Palestina traz um texto semelhante. (*The Targums*, p. 166.)

<sup>19</sup>Jack P. Lewis, “The Woman’s Seed (Gen. 3:15)” *Journal of the Evangelical Theological Society* 34, no. 3 (setembro de 1991), p. 319.

<sup>20</sup>William Sanford LaSor, “Prophecy, Inspiration, and Sensus Plenior” *Tyndale Bulletin* 29 (1978), p. 57.

**Versículo 16.** A sentença de Deus para a **mulher** rompeu o papel para ela designado na criação. Ela foi criada para ser a esposa de Adão, uma auxiliadora à altura dele e que deveria ser a mãe de seus filhos (2:18, 23, 24). Ter filhos fazia parte do plano do Criador; fazia parte da bênção original “multiplicai-vos, enchei a terra” (1:28). Evidentemente, antes da entrada do pecado, a mulher teria sido capaz de ter filhos com poucas dores ou até sem dor alguma. Após a maldição, nessa função que é única à mulher, dar à luz, o Senhor **multiplicaria sobremodo os sofrimentos da gravidez**. Essa foi a consequência do pecado da mulher.

Além disso, Deus disse: **O teu desejo será para o teu marido, e ele te governará**. O significado preciso desta frase é muitíssimo debatido. Alguns pensam que “desejo” pode ser entendido num sentido natural como desejo sexual. A frase “ele te governará” poderia estar “confirmando a corrente de autoridade (Deus-homem-mulher) estabelecida na criação, mas invertida no momento da queda”, quando o homem seguiu a liderança da mulher provando do fruto da árvore proibida<sup>21</sup>.

Este ponto de vista tem pouco apoio porque o desejo natural sexual já fazia parte da bênção da sexualidade concedida ao homem e à mulher no princípio, como progenitores da raça humana. Não foi um castigo pelo pecado após a queda. E a liderança do homem sobre a mulher já fazia parte do relacionamento idealizado por Deus no casamento desde a criação (2:18–25). Essa liderança se baseava na primazia de Adão sobre Eva, demonstrada quando ele deu nome a Eva assim como dera aos animais (veja o argumento de Paulo em 1 Coríntios 11:3, 7–12; 1 Timóteo 2:12–15).

Se “desejo” descrever o desejo sexual natural da mulher pelo marido, então segue-se pela lógica que o “governo” do homem sobre a mulher também é a função natural que Deus idealizou para o relacionamento conjugal. Todavia a forma nominal de “desejo” (תְּשׁוּקָה, *theshuqah*) só ocorre três vezes no Antigo Testamento. Além da passagem acima em Gênesis, a palavra aparece em Cantares de Salomão 7:10, onde o assunto é o desejo do noivo pela noiva na frase: “Eu sou do meu amado, e ele tem saudades de mim”. Este é o desejo natural no contexto de “amor e alegria”; enquanto que em

<sup>21</sup>Gordon J. Wenham, “Genesis” em *New Bible Commentary: 21st Century Edition*, ed. G. J. Wenham, J. A. Motyer, D. A. Carson e R. T. France. Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 1994, p. 63.

Gênesis 3:16, o desejo que a mulher deveria experimentar é num “contexto de pecado e juízo”<sup>22</sup>.

Afora estes textos, “desejo” (*theshuqah*) é usado em Gênesis 4:6 e 7. Aqui ele aparece após Caim oferecer uma oferta inaceitável a Deus. É significativo que o termo para “governo” (*מָשַׁל*, *mashal*), usado em Gênesis 3:16, também se encontre neste contexto; e estas são as duas únicas ocorrências de *theshuqah* e *mashal* juntos. Ambos os contextos focalizam o pecado e o castigo.

Então, lhe disse o Senhor: Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante? Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo (4:6, 7).

O pecado é retratado como um animal selvagem desejoso de atacar Caim e dominá-lo. Deus desafiou Caim a exercer o “domínio” (“governo”) sobre esse desejo e não sucumbir a ele.

O termo hebraico *mashal* significa “governar” ou “ter autoridade” e geralmente se refere à autoridade que reis exercem sobre os súditos<sup>23</sup>. Se levarmos a sério o uso lexical dos termos e as semelhanças estruturais dos dois relatos, o significado de 3:16 parece ser análogo a 4:6, 7, remetendo a uma luta por domínio e governo. Assim como o pecado desejava dominar Caim, havia uma luta de poderes entre os sexos. A relação original entre marido e mulher não foi preservada no pronunciamento da sentença para a mulher em 3:16. Ela foi deturpada pelo pecado e pela queda. Em suma, a afirmação “ele te governará” não é uma ordem para impor o governo autoritário do homem sobre a mulher.

### A Sentença ao Homem e a Maldição sobre a Terra (3:17–19)

<sup>17</sup>E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses,

**maldita é a terra por tua causa;  
em fadigas obterás dela o sustento  
durante os dias de tua vida.**

<sup>18</sup>Ela produzirá também cardos e abrolhos,  
e tu comerás a erva do campo.

<sup>19</sup>No suor do rosto  
comerás o teu pão,

**até que tornes à terra,  
pois dela foste formado;  
porque tu és pó  
e ao pó tornarás.**

**Versículos 17–19.** A sentença para o homem é mais abrangente do que a da serpente e da mulher, pois a ele coube maior responsabilidade pelo pecado de ignorar as instruções de Deus e seguir o conselho da **mulher**.

Reproduzindo o texto hebraico, a ERA relata que Deus **disse a Adão**. Alguns sugerem que este é o primeiro registro do Senhor usando o termo genérico para “homem” (*אָדָם*, *’adam*) como um nome pessoal: “Adão”. Todavia, a mesma construção hebraica encontrada aqui (*לְאָדָם*, *le’adam*) ocorreu anteriormente em 2:20, traduzida na ERA por “para o homem”. Se o termo for entendido como um nome pessoal nesta passagem, 3:17 será o segundo emprego de Adão como nome do homem. Na maioria das ocorrências anteriores a 3:17, a palavra é precedida pelo artigo definido (*הָאָדָם*, *ha’adam*) e traduzida por “o homem”.

Deus mostrou graça no meio do julgamento não atacando Adão diretamente. A maldição não caiu sobre o homem em si, mas sobre **a terra** que produzia o alimento para Adão e sua família **comerem**.

Depois disso, a terra resistiria aos esforços do homem no cultivo produzindo **cardos e abrolhos**. A ironia aqui é evidente: originalmente, o homem deveria sentir alegria ao cuidar do jardim que dava frutos em abundância, mas agora a terra seria sua antagonista. Ela produziria cardos e espinhos, e o homem teria que lutar contra eles com **fadigas e suor** para sobreviver. O trabalho não é uma maldição por causa da queda; certo tipo de trabalho produtor é essencial para o bem-estar físico e mental do homem (veja os comentários sobre 2:15). Todavia, numa sociedade agrária antiga que suava no calor de longas horas para cultivar a terra, esse esforço adicional seria uma tribulação. Adão e Eva tinham tudo, mas perderam tudo na tentativa de ter mais. Muitos seguiram seus passos no decorrer dos tempos, sofrendo “derrota nas mãos do egoísmo”<sup>24</sup>.

A segunda parte do julgamento sobre o homem foi a morte física. O homem foi feito da terra e colocado dentro de um paraíso em que o solo

<sup>22</sup>Victor P. Hamilton, “תְּשׁוּקָה” em *DITAT*, p. 1539.

<sup>23</sup>Koehler e Baumgartner, vol. 1, p. 647.

<sup>24</sup>Mark S. Howell, “Paradise Lost (Genesis 3–4)” em *Harding University Lectures* (1991), p. 35.

provia tudo facilmente para o seu sustento. Todavia, depois que o pecado entrou no mundo, a terra tornou-se inimiga do homem e, por fim, passou a recebê-lo de volta na morte: **até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás.** A grande tragédia da queda é que o homem, feito à imagem de Deus e podendo ser abençoado pela comunhão com seu Criador para sempre num paraíso terreno, perdeu esse direito voltando à terra de onde veio.

Depois de Deus anunciar os castigos e maldições, encerrando com a predição da morte do homem, Adão e Eva poderiam ter descartado qualquer esperança de um futuro melhor. Evidentemente, Deus poderia ter executado a pena de morte assim que eles pecaram, como os advertira em 2:17. Todavia, mesmo no meio dessas sentenças terríveis, o homem ainda encontrou esperança na obscura profecia de que o descendente da mulher esmagaria a cabeça da serpente (3:15).

#### UM NOVO NOME E UMA NOVA ROUPA: A FÉ DE ADÃO E A GRAÇA DE DEUS (3:20, 21)

<sup>20</sup>**E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos.**  
<sup>21</sup>**Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu.**

**Versículo 20.** O nome Eva (חַוְוָה, *Chawwah*) está foneticamente relacionado com a palavra חַי (chay) que significa “vivente” e foi traduzido na LXX por Ζωή (*Zoe*, “Vida”). Usando um jogo de palavras, o autor de Gênesis estava explicando por que Adão deu à mulher esse nome. A explicação é um tanto enigmática, pois afirma que ele a chamou “Eva” por ser a mãe de todos os seres humanos. Considerando que Eva ainda não tinha dado à luz um filho, como Adão poderia afirmar que era “a mãe de todos os viventes”? O verbo “ser” no hebraico está na forma perfeita, que geralmente exprime ação totalmente completa. Poderíamos esperar que esse verbo estivesse na forma imperfeita, que aponta para ação incompleta no futuro, podendo ser traduzido por: “Ela *será* a mãe de todos os seres humanos”. O verbo “ser” parece ser um exemplo de um “perfeito profético”, que emprega o perfeito para expressar a certeza de um evento futuro. A ocorrência do evento é tão certa que se pode falar dele como se já tivesse acontecido.

O ato de Adão dar à mulher o nome de Eva

pode ser uma demonstração de fé: embora tivessem sido ameaçados de morte, Adão não acreditou que seriam os primeiros e últimos seres humanos a habitar a terra. Ele olhou para o futuro, crendo que Eva daria à luz o descendente prometido (3:15), o qual, de alguma maneira, esmagaria a cabeça da serpente.

**Versículo 21.** O derradeiro ato gracioso de Deus antes de expulsar Adão e sua mulher do jardim foi cobri-los com **vestimenta de peles**, no lugar da desastrosa tentativa deles de se cobrirem com folhas de figueira em 3:7. A palavra hebraica equivalente a “vestimenta” (כְּתוּנֹת, *kuthoneth*) denota uma “túnica” usada junto ao corpo da pessoa, geralmente com mangas longas ou meias-mangas até os joelhos ou tornozelos (veja 37:3; Êxodo 28:4)<sup>25</sup>. A palavra equivalente a “pele” (עוֹר, *’or*) designa o couro de um animal (veja 27:16; Levítico 4:11). Embora o autor não tenha explorado o tema de sacrifício aqui, parece óbvio que um animal teve de morrer por conta do pecado de Adão e Eva. Ao que tudo indica, o Senhor matou um animal e depois usou sua pele para fazer roupas para o casal. Deus não mandaria Adão e Eva saírem do jardim expostos às intempéries, por isso Ele proveu roupas que os protegessem. E suas vestimentas serviram de lembretes do pecado e do fato de que o período de inocência, agora, pertencia para sempre ao passado.

#### A EXPULSÃO DO JARDIM (3:22–24)

<sup>22</sup>**Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente.** <sup>23</sup>**O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado.** <sup>24</sup>**E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida.**

**Versículo 22.** A predição da serpente (3:5) cumpriu-se, ainda que distorcidamente. Deus apresentou esta razão para a expulsão de Adão e Eva do jardim: **Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal.** O plural “nós”

<sup>25</sup>Jacob M. Myers, “Dress and Ornaments” em *The Interpreter’s Dictionary of the Bible*, ed. George Arthur Buttrick. Nashville: Abingdon Press, 1962, vol. 1, p. 869.

usado pelo Senhor aqui provavelmente incluía os exércitos celestiais reunidos em conselho ao redor dEle (veja os comentários sobre 1:26). Pode ser esse o caso, se considerarmos que o versículo 24 menciona que, quando Adão e Eva saíram do jardim, Deus colocou “querubins” (seres angelicais) “para guardar o caminho até a árvore da vida”.

Deus e Seu conselho angelical conheciam “o bem e o mal” – não por experiência, mas pela conscientização de que Deus é quem determina o certo e o errado<sup>26</sup>. Qualquer atitude, ou ação contrária à natureza, ao caráter ou à vontade de Deus é, portanto, pecaminosa. Quando Adão e Eva decidiram, movidos por orgulho, se tornarem “conhecedores” como Deus (3:6), afirmando sua autonomia obtendo conhecimento em desobediência à vontade revelada de Deus, eles quiseram, essencialmente, declarar independência e ser seu próprio “deus”.

Além do desejo de tomar o trono de Deus, se tentassem **tomar também da árvore da vida, e comer, e viver eternamente**, teriam consumado sua arrogância e rebeldia contra o Senhor. Precisavam aprender que a vida física é uma bênção que os seres humanos recebem e desfrutam pela misericórdia de Deus e que a vida eterna, a dádiva máxima do Criador, está reservada para os que O amam e servem. O homem jamais alcançará a vida eterna por meio do conhecimento e jamais a merecerá por seus próprios esforços.

**Versículo 23.** Visando evitar mais atos de desobediência, **Deus os lançou fora do jardim do Éden.** O verbo traduzido por “lançou” vem de שָׁלַח (*shalach*), que significa “mandar embora” ou “banir”. É o termo usado quando Abraão mandou embora Agar, Ismael e outros filhos de suas concubinas, os quais poderiam ser rivais de Isaque (21:14; 25:6). *Shalach* envolve expulsão e a morte de um relacionamento, como o de um homem mandando embora a mulher por divórcio ou quando Deus mandou Israel para o cativeiro porque o povo O rejeitou e adorou falsos deuses (Isaías 50:1; Jeremias 28:16)<sup>27</sup>.

Depois que o homem foi expulso do jardim, sua sina foi **lavar a terra de que fora tomado**. Além de Adão e Eva perderem o relacionamento íntimo que antes desfrutavam com Deus, eles foram expulsos para um ambiente hostil que já não

era amistoso para com eles. No passado, Adão só precisava empregar um moderado esforço para manter o jardim que dava frutos em abundância, mas agora ele teria que começar roçando o solo e plantando seu próprio jardim na terra amaldiçoada e resistente aos seus maiores esforços. O primeiro casal não confiou em Deus, chegando até a duvidar dos motivos que fizeram Deus negar-lhes o fruto de uma única árvore. Consequentemente, eles enfrentariam um mundo frio e hostil. Só pela graça de Deus esse casal desamparado encontraria um lugar de refúgio<sup>28</sup>.

**Versículo 24.** Deus **expulsou o homem** do jardim. Parece estranho a mulher não ser mencionada nos versículos 22 a 24, pois certamente também foi o destino dela ser expulsa do jardim na companhia do marido. Talvez a sentença de Deus ao homem seja enfatizada na narrativa porque foi ele quem recebeu, em primeira mão, a proibição para não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (2:17). Outra sugestão é que o homem era o mais propenso a tentar pegar o fruto da árvore da vida, para comerem dele e escaparem da pena de morte.

O Senhor impediu qualquer acesso à **árvore da vida** colocando **querubins... para guardar o caminho** até ela. A entrada para o jardim ficava **ao oriente**<sup>29</sup> e foi ali que os “querubins” foram posicionados. O termo “querubins” (ou “querubim”) ocorre umas noventa vezes na Bíblia. Ele denota seres angelicais compostos de asas, que geralmente guardavam a santidade de Deus. No tabernáculo, dois querubins de ouro representavam simbolicamente o trono do Senhor sobre a arca da aliança (Êxodo 25:18–22) e um par de imensos querubins esculpidos em oliveira e revestidos de ouro, ficava no Santo dos Santos, no templo de Salomão (1 Reis 6:23–28)<sup>30</sup>.

Deus também expressou o Seu juízo através do **refulgir de uma espada que se revolvia**. A espa-

<sup>28</sup>Mathews, p. 257.

<sup>29</sup>Muito tempo depois, as entradas do tabernáculo e do templo ficavam ao oriente também.

<sup>30</sup>No Oriente Próximo antigo, estátuas de criaturas mistas eram usadas para “guardar” lugares e santuários. Muitas vezes tinham rosto de homem, asas de águia e o corpo de touro ou leão. (Veja David L. Roper, *Apocalypse 12–22, A Verdade para Hoje*.) E criaturas aladas guardando uma árvore sagrada constituíam uma cena comum na arte do Oriente Próximo antigo. (Veja John H. Walton, “Genesis” em *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary*, vol. 1, *Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers, Deuteronomy*, ed. John H. Walton. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2009, pp. 2, 3, 37.)

<sup>26</sup>Esta afirmação exclui os anjos que pecaram (2 Pedro 2:4; Judas 6).

<sup>27</sup>Hermann J. Austel, “שָׁלַח” em *DITAT*, p. 1566.

da ameaçava de morte qualquer intruso<sup>31</sup>. A trágica

---

<sup>31</sup>Um anjo com uma espada obstruiu o caminho do julgamento de Balaão em Números 22:23, 31, 33. Deuteronômio 32:41 e 42 fala de uma “espada reluzente” em conjunção com a justiça e a vingança de Deus sobre Seus adversários.

ironia da história é que Adão foi colocado originalmente no jardim para o “guardar” (שָׁמַר, *shamar*; 2:15), mas agora querubins e “o fulgor de uma espada” estavam ali para “guardar” (שָׁמַר, *shamar*) o jardim do próprio Adão.

Autor: Bill Grasham

© A Verdade para Hoje, 2016  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS